



SENADO FEDERAL

Gabinete do Senador Major Olimpio



RELATÓRIO Nº , DE 2020

Da COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DEFESA NACIONAL, sobre a Mensagem (SF) nº 87, de 2020, da Presidência da República, que *submete à apreciação do Senado Federal, de conformidade com o art. 52, inciso IV, da Constituição, e com o art. 39, combinado com o art. 46 da Lei nº 11.440, de 2006, o nome do Senhor JOSÉ BORGES DOS SANTOS JÚNIOR, Ministro de Primeira Classe da Carreira de Diplomata do Ministério das Relações Exteriores, para exercer o cargo de Embaixador do Brasil no Reino da Tailândia e, cumulativamente, no Reino do Camboja e na República Democrática Popular do Laos.*



SF/20098.74721-91

Relator: Senador **MAJOR OLIMPIO**

Esta Casa do Congresso Nacional é chamada a deliberar sobre a indicação que o Presidente da República faz do Senhor JOSÉ BORGES DOS SANTOS JÚNIOR, Ministro de Primeira Classe da Carreira de Diplomata do Ministério das Relações Exteriores, para exercer o cargo de Embaixador do Brasil no Reino da Tailândia e, cumulativamente, no Reino do Camboja e na República Democrática Popular do Laos.

A Constituição atribui competência privativa ao Senado Federal para examinar previamente e por voto secreto a escolha dos chefes de missão diplomática de caráter permanente (artigo 52, inciso IV).

Observando o preceito regimental para a sabatina, o Ministério das Relações Exteriores elaborou o currículo do diplomata.

O Sr. JOSÉ BORGES DOS SANTOS JÚNIOR é filho de José Borges dos Santos e Maria das Graças Souto Maior Lago dos Santos, e nasceu em Boa Vista/RR, em 17 de abril de 1956.

Ingressou na carreira diplomática em 1980, após concluir o Curso de Preparação da Carreira Diplomática. Ascendeu a Primeiro-Secretário em 1990; a Conselheiro, em 1997; a Ministro de Segunda Classe, em 2004; e a Ministro de Primeira Classe, em 2011. Todas as promoções por merecimento.

Na conclusão do Curso de Altos Estudos do Instituto Rio Branco, em 2003, defendeu a tese intitulada “Colômbia: perspectivas de resolução do conflito interno”.

Na carreira, exerceu, entre outras, importantes funções nos seguintes postos:

- 1983-86 – Cônsul-adjunto no Consulado-Geral em Londres;
- 1986-89 – Segundo-secretário e encarregado de negócios na Embaixada em Camberra;
- 1990-92 – Chefe, substituto, da Divisão do Pessoal;
- 1991 – Coordenador-executivo, substituto, do Departamento do Serviço Exterior;
- 1991 – Encarregado do Consulado-Geral em missão transitória no Consulado-Geral em São Francisco;
- 1997-98 – Chefe Divisão do Pessoal;
- 1998-2002 – Conselheiro e encarregado de negócios na Embaixada em Bogotá;
- 2002-03 – Diretor do Departamento de Administração Geral da Fundação Alexandre de Gusmão;
- 2003-05 – Chefe da Divisão de Serviços Gerais;
- 2005-06 – Cônsul-geral adjunto no Consulado-Geral em Los Angeles;
- 2006-08 – Ministro-conselheiro no Escritório Financeiro em Nova York;
- 2009-10 – Chefe de gabinete da Subsecretaria-Geral do Serviço Exterior;
- 2010-13 – Diretor do Departamento do Serviço Exterior;
- 2013-15 – Subsecretário-geral da Subsecretaria-Geral do Serviço Exterior;
- 2016-18 – Embaixador Embaixada em Berna e no Principado de Liechtenstein; e
- 2018-presente – Cônsul-geral no Consulado-Geral em Houston.



É portador de importantes condecorações do Governo Brasileiro, da República Italiana e do Reino da Bélgica.

Ainda em atendimento às normas do Regimento Interno do Senado Federal, a mensagem presidencial veio acompanhada de sumário executivo elaborado pelo Ministério das Relações Exteriores sobre a Tailândia, o Camboja e o Laos, o qual informa acerca das relações bilaterais desses países com o Brasil, inclusive com cronologia e menção a tratados celebrados, dados básicos, suas políticas interna e externa, assuntos consulares e economia.

- Tailândia

O Reino da Tailândia localiza-se no centro da península da Indochina. Com a população estimada em 68,1 milhões de habitantes, estende-se por 514 mil km². O país, monarquia constitucional de confissão oficial budista, é uma das maiores economias da Associação das Nações do Sudeste Asiático (ASEAN). Sua capital e maior cidade, Bangkok, é o centro político, econômico e cultural da vida tailandesa. A população da Tailândia é composta por maioria de etnia tai (em torno de 80% do total), falantes de idioma de mesmo nome, e ainda por minorias de chineses (14%), mons e khmers.

As relações diplomáticas entre o Brasil e a Tailândia foram estabelecidas em 1959. A Embaixada do Brasil em Bangkok foi criada no mesmo ano, e a Embaixada da Tailândia no Brasil foi inaugurada em 1964.

Encontram-se em vigor acordos bilaterais sobre cooperação científica; cooperação técnica; medidas sanitárias e fitossanitárias; isenção parcial de vistos; serviços aéreos; e comércio. O Brasil e a Tailândia mantêm dois mecanismos de interlocução política regular: a Comissão Mista de Cooperação Bilateral e as Consultas Políticas. A II Reunião do Mecanismo de Consultas Políticas foi realizada em agosto de 2018, em Bangkok. Além de temas de comércio e investimentos, foram discutidas possibilidades de cooperação em agricultura, temas jurídicos e defesa, entre outros pontos.

Em março de 2019 foi reinstalado, sob a presidência do deputado Bibó Nunes (PSL-RS), o Grupo Parlamentar Brasil-Tailândia



(criado pela Câmara dos Deputados em 1993, por meio da resolução nº 33 daquele ano). O Parlamento tailandês também renovou, em agosto de 2019, a composição de grupo análogo, coordenado pelo senador Jetn Sirathranont.

Segundo dados do FMI, a Tailândia é a 19ª economia do mundo em paridade de poder de compra, (com PIB PPP, em 2019, de US\$ 1,4 trilhão). Nas últimas décadas, o país experimentou sólidas taxas de crescimento e redução da pobreza de maneira significativa. Em 2011, foi elevado, pelo Banco Mundial, da categoria de baixa renda média para a de alta renda média (PIB PPP per capita, em 2019, avaliado em US\$ 20,3 mil). Entretanto, esse crescimento foi desacelerado a partir de 2012, em razão do desaquecimento da economia global e da instabilidade política doméstica, sendo retomado a partir de 2016, quando obteve crescimento de 2,9% do PIB.

Em 2019, a Tailândia foi o 4º maior parceiro comercial do Brasil na Associação de Nações do Sudeste Asiático (ASEAN) e o 8º na Ásia. O intercâmbio comercial totalizou US\$ 3,2 bilhões, com superávit brasileiro de US\$ 131,2 milhões. A pauta de exportações brasileiras é concentrada em commodities, sobretudo soja e seus subprodutos (74%). A pauta das importações provenientes da Tailândia apresenta maior diversificação e conteúdo industrial. Os principais produtos tailandeses importados pelo Brasil em 2019 foram partes e peças para veículos e tratores (10%), máquinas automáticas para processamento de dados (6,1%), partes de motores para veículos (3,7%), partes de motocicletas (3,1%) e circuitos integrados (3%).

Entre janeiro e julho de 2020, o comércio bilateral registrou pouco mais de US\$ 2 bilhões – crescimento de 12,2% em comparação ao mesmo período do ano passado. Grande parte desse incremento comercial decorre do aumento das exportações brasileiras (35,9%, em relação a janeiro-julho de 2019), que superaram US\$ 1,3 bilhão. As importações brasileiras oriundas da Tailândia alcançaram 0,76 bilhão (redução de 13,5%). A composição das pautas manteve a mesma característica dos anos anteriores: exportação brasileira concentrada em commodities, principalmente soja e seus subprodutos (que representaram, até julho, 85%); e importação mais diversificada, com partes e peças para veículos e tratores (9,4%), látex e borracha natural (7,1%), máquinas automáticas de processamento de dados (6%), equipamentos de telecomunicações (5%), além de máquinas e aparelhos elétricos (4,6%).



Nos anos recentes, a relação econômica bilateral deu importante sinal de amadurecimento, com a passagem de uma dinâmica estritamente comercial para uma de investimentos recíprocos. A Tailândia, em particular, tem expandido sua rede de investimentos no Brasil. Destacam-se, entre outros, o gigante hoteleiro Minor Group, que hoje opera quatro hotéis de luxo em destinos turísticos brasileiros; o grupo PTT, maior conglomerado tailandês, que participa de consórcio para exploração de petróleo e gás off-shore; e a Cal-Comp, empresa de eletroeletrônicos que controla duas unidades fabris na Zona Franca de Manaus. A tailandesa Charoen Pokphand Foods (CPF) adquiriu, em abril de 2018, 40% das ações da brasileira Camanor, produtora de camarões frescos e congelados.

Do lado brasileiro, a BRF Brasil Foods mantinha, desde 2016, investimento naquele país asiático, tendo, contudo, vendido suas operações na Tailândia em 2019, como parte de seu programa de desinvestimento. As empresas Jacto, de implementos agrícolas, e o consórcio QGI - Queiroz Galvão IESA, de montagem de plataformas de petróleo, mantêm investimentos no país.

O comércio de equipamentos de defesa também apresenta potencial. A Avibrás vem realizando prospecção de negócios no país asiático e a Embraer, por seu turno, já forneceu aeronaves ERJ-135 para as Forças Armadas da Tailândia, identificando possibilidade de fornecer modelos KC-390 para substituir a atual frota tailandesa de Hercules C-130.

- Camboja

O Reino do Camboja localiza-se na porção sul da península da Indochina. Com população estimada em 16,5 milhões de habitantes, estende-se por 181 mil km². O país, monarquia constitucional de confissão oficial budista, é uma das menores economias da Associação das Nações do Sudeste Asiático (ASEAN), ao lado de Myanmar e do Laos. Sua capital e maior cidade, Phnom Penh, é o centro político, econômico e cultural da vida cambojana. A população do Camboja é composta por maioria de etnia khmer (em torno de 90% do total), falantes de idioma de mesmo nome, e ainda por minorias de chineses, vietnamitas e chams (muçulmanos).

Após haverem sido suspensas em 1966, as relações entre o Brasil e o Camboja foram retomadas em 1994. Os contatos políticos são ainda pouco frequentes, não havendo embaixada residente nas respectivas



capitais. No caso brasileiro, a representação junto ao Reino do Camboja é exercida pela Embaixada em Bangkok.

Revestem-se de grande relevância, para o Camboja, questões ligadas à segurança alimentar, erradicação da pobreza, desenvolvimento rural, pesquisa agrícola, biocombustíveis e aproveitamento do potencial hidrelétrico, áreas em que o Brasil pode prestar importante contribuição. Nos últimos anos, aquele país asiático participou de diversos cursos promovidos pelo governo brasileiro, sobre temas como cooperação sul-sul e triangular, monitoramento de florestas tropicais e políticas sociais. Entre 2010 e 2013, o Brasil apoiou, por meio do Fundo IBAS, a construção de pavilhão destinado a crianças com necessidades especiais em hospital do Ministério da Saúde do Camboja. Deu suporte, ademais, à capacitação de profissionais na área da saúde. O projeto teve custo total de cerca de US\$ 1 milhão.

A economia cambojana tem prosperado desde a estabilização política. Apresenta crescimento econômico acima de 6% desde a década de 1990 (com exceção do ano de 2009, quando cresceu 0,1%) e tem mantido a inflação sob controle. Em julho de 2016, o país foi graduado, passando de país de baixa renda para o status de país com renda média-baixa. Mesmo assim, o Camboja é um dos países mais pobres do Sudeste Asiático. Tal defasagem econômica reflete cicatrizes deixadas pelo brutal regime do Khmer Vermelho, entre 1975 e 1979, e, em geral, pelas guerras havidas no país desde sua independência da França.

O Camboja tem potencial para tornar-se exportador de hidrocarbonetos para os países da região. Desde 2005, a empresa Chevron tem descoberto importantes reservas de petróleo e gás no Golfo da Tailândia. Há, contudo, problemas relativos à ausência de demarcação da fronteira marítima com a Tailândia, esperando-se, entretanto, que possa iniciar-se produção em breve. Destacam-se, entre os recursos naturais do Camboja – além de petróleo e gás natural – madeira, pedras preciosas, ferro, manganês e fosfatos. Registram-se também importantes investimentos na construção de usinas hidrelétricas.

As exportações brasileiras para o Camboja permanecem bastante reduzidas (US\$ 19,1 milhões, em 2019). Destacam-se os materiais de cobre, couros preparados, carne de frango e tabaco não manufaturado. As importações provenientes do Camboja, no mesmo ano, representaram montante consideravelmente mais elevado (US\$ 50,3 milhões), e se concentraram em produtos manufaturados, calçados, têxteis e vestuário. Nos



sete primeiros meses de 2020, o intercâmbio comercial superou US\$ 35 milhões – redução de 1,1% em relação a janeiro-julho do ano anterior. Nesse período, as exportações brasileiras cresceram mais de 120% e registraram US\$ 12,8 milhões – pauta composta por materiais de cobre (53%), couro (11%) e tabaco (9,1%). As importações caíram 24,9% e totalizaram US\$ 22,3 milhões – concentradas em têxteis (37,9%), vestuário (34%) e calçados (13%). O Banco Central do Brasil não tem registro de investimentos brasileiros no Camboja. Não há, tampouco, registro de capitais oriundos do Camboja no Brasil.

- Laos

A República Democrática Popular do Laos é um país montanhoso do Sudeste Asiático, localizado na Indochina e limitado a norte pela China, a leste pelo Vietnã, a sul pelo Camboja, a sul e oeste pela Tailândia e a noroeste por Myanmar. Com população estimada em 7,1 milhões de habitantes, estende-se por 237 mil km².

Trata-se de um país multiétnico, em que os laosianos compõem cerca de sessenta por cento da população, principalmente nas planícies. Diversos grupos étnicos, como os Hmong e várias tribos, representam 40% da população e vivem nas colinas e montanhas. O país é um grande gerador e exportador de eletricidade, produzida a partir de seus rios.

O Brasil e o Laos estabeleceram relações diplomáticas em julho de 1995. No ano seguinte, foi criada a Embaixada em Vientiane, cumulativa com a Embaixada em Bangkok. Situa-se em Havana a única Embaixada do Laos na América Latina. Cuba também é o único país latino-americano com Embaixada residente em Vientiane. Foi concedido agrément à atual embaixadora laosiana para o Brasil, Anouphone Kittirath, em agosto de 2018, porém aquela autoridade ainda não veio ao Brasil para apresentar suas cartas credenciais.

O Laos esforça-se por superar o isolamento que o caracteriza nos planos geográfico e econômico. Embora continue ainda muito dependente da cooperação externa, a abertura econômica e a normalização das relações com países ocidentais, ambas iniciadas na década de 1990, após a dissolução da URSS, têm permitido maior projeção externa, sobretudo por meio do interesse gerado pelo crescimento econômico significativo nos



últimos anos. A China conquistou relevo na política externa laosiana, e sua participação como país de origem dos investimentos no Laos cresce consistentemente. O Laos é importante destinatário de projetos da Iniciativa do Cinturão e da Rota (Belt and Road Initiative - BRI), cujos projetos o país busca aproveitar para promover seu comércio internacional e a integração econômica com os vizinhos regionais. Ressalte-se, nesse contexto, a construção de ferrovia de alta velocidade entre a província chinesa de Yunnan e a capital Vientiane.

O Vietnã é forte aliado político do Laos. Essas relações estreitas são atribuídas a fatores como: (i) apoio político e militar vietnamita ao Pathet Lao; (ii) percurso político semelhante, que caracteriza a história recente dos dois países; e (iii) relações pessoais historicamente estabelecidas entre um dos líderes da revolução laosiana, Kayson Phomvihane (falecido em 1992), e lideranças vietnamitas. Os dois governos, com identidade de posições em muitas áreas, mantêm estreita cooperação. Ambos os países regularizaram suas fronteiras com grande esforço entre 1977 e 2007, eliminando, assim, importante fator de discórdia em seu relacionamento.

A Tailândia, por sua vez, é o principal parceiro comercial do Laos, responsável por mais da metade do comércio exterior do país, e relevante fonte de investimentos. Exerce, ademais, expressiva influência cultural, para a qual muito contribuem as afinidades linguísticas e religiosas entre as duas populações.

Em 2019, a corrente de comércio entre o Brasil e o Laos foi de US\$ 3,2 milhões, montante 30% inferior ao auferido em 2018. Dos pouco mais de US\$ 1,6 milhão exportados pelo Brasil, as vendas de tabaco ultrapassaram 95%. As importações provenientes do Laos, por seu turno, somaram quase US\$ 1,6 milhão, majoritariamente correspondentes a máquinas elétricas. O governo brasileiro deseja obter as certificações necessárias para abertura de mercado local para bovinos vivos e material genético bovino. Registram-se, também, contatos de importadores de carne do Laos interessados no produto brasileiro. Entre janeiro e julho de 2020, a corrente de comércio bilateral registrou US\$ 1,59 milhão – crescimento de 23,1% em relação ao mesmo período do ano anterior. As exportações brasileiras somaram quase US\$ 0,9 milhão (aumento de 80%, comparadas aos sete primeiros meses de 2019), fortemente concentradas na venda de produtos hortícolas (73%) e tabaco (15%). Por seu turno, as importações foram de US\$ 0,69 milhão (queda de 12,5%), compostas majoritariamente



por equipamentos de telecomunicações (84%), além de máquinas e aparelhos elétricos (6,7%).

No que concerne a investimentos bilaterais, há interesse, do lado laosiano, em atrair capitais brasileiros para produção agrícola, cujo potencial permanece inexplorado. O país conta com diversidade climática favorável a culturas variadas e tem a China como principal mercado para exportação. Verifica-se, ainda, possibilidade de investimentos nas Zonas Econômicas Especiais (ZEE), em sua maioria nas fronteiras com a Tailândia, a China e Myanmar, para onde se busca atrair investidores estrangeiros mediante facilitação de acesso a serviços de infraestrutura e simplificação burocrática. Destaca-se também o setor de turismo. O governo laosiano tem buscado estimular o mercado turístico no país e divulgar suas atrações históricas e naturais.

Tendo em vista a natureza da matéria ora apreciada, não cabem outras considerações neste relatório.

Sala da Comissão,

, Presidente

, Relator

